

## Simposio AT061

# SUBJETIVAÇÕES E IDENTIDADE DOS PERSONAGENS NEGROS EM *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS: UMA PROPOSTA PARA A DESCOLONIZAÇÃO DO ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Glauce Kelly Cardoso PIRES  
Mestranda PPGEEB – CEPAE/UFG  
[gkpires89@gmail.com](mailto:gkpires89@gmail.com)

Vivianne Fleury de FARIA  
Prof. Dra. PPGEEB – CEPAE/UFG  
[viviannefleury8@gmail.com](mailto:viviannefleury8@gmail.com)

**Resumo:** Repensar as práticas de ensino de Literatura na educação básica em uma perspectiva descolonizadora exige cumprir um exercício de revisitação à tradição literária brasileira, a qual foi instituída em bases ideológicas patriarcais e eurocêntricas. Em vista disso, torna-se oportuno analisar como se dão os processos subjetivos e identitários dos personagens negros do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, os quais, de forma pioneira, foram representados como “sujeitos humanos” (DALCASTAGNÊ, 2008). De fato, a despeito da grande repercussão desta obra no Maranhão oitocentista, ela e as demais produções da escritora caíram em esquecimento, fator que relegou à invisibilização a vida e obra da primeira escritora negra da América Latina na tradição literária brasileira. Por fim, propõe-se aqui a inserção desta obra no contexto da educação básica, inclusão legitimada por sua qualidade estética e em atenção à lei 11.645/2008 e aos documentos que norteiam o ensino de Literatura na Educação Básica. (BNCC, 2018)

**Palavras-chave:** Literatura e Ensino; Literatura Afro-Brasileira; Autoria Feminina; Maria Firmina dos Reis.

**Abstract:** Rethinking the teaching practices of Literature in basic education in a decolonizing perspective requires fulfilling an exercise in revisiting the Brazilian literary tradition, which was instituted on a patriarchal and Eurocentric ideological basis. In view of this, it is opportune to analyze how the subjective and the identity processes of the black characters of the novel *Úrsula*, by Maria Firmina dos Reis, who, in a pioneering way, were represented as "human subjects" (DALCASTAGNÊ, 2008). In fact, despite the great repercussion of this work in the eighteenth century Maranhao, she and her other productions fell into oblivion, a factor that relegated to invisibility the life and work of the first black writer of Latin America in the Brazilian literary tradition. Finally, it is proposed here the insertion of this work in the context of basic education, legitimated inclusion for its aesthetic quality and in compliance with Law 11.645 / 2008 and the documents that guide the teaching of Literature in Basic Education. (BNCC, 2018)

**Keywords:** Literature and Teaching; Afro-Brazilian Literature; Women's Authorship; Maria Firmina dos Reis.

## **Introdução**

Em primeiro lugar, torna-se oportuno revisitar a tradição literária brasileira, pois a mesma foi instituída em meio a um processo histórico e cultural de colonização e tem se perpetuado dentro deste mesmo ideal, visto que o lugar de fala e de escrita é legitimado com base em privilégios sociais, raciais e de gênero. No entanto, mesmo diante de exclusões sociais e culturais, alguns escritores, desejosos de falar por si, driblaram as rígidas convenções que permeiam a escrita literária e irromperam em um discurso que destoava desse padrão hegemônico. Disso, a importância em revisitar essas obras, por vezes excluídas da tradição, justamente por não se encaixarem na lógica elitista, racista e patriarcal preconizada pelos condutores da intelectualidade brasileira.

Neste contexto de invisibilidade ideológica se insere Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense oitocentista que inaugurou na literatura brasileira a temática abolicionista por um viés humanista sem precedentes. Foi em meio a uma intelectualidade branca e masculina que a escritora negra publicou romances, contos e poemas. *Úrsula*, publicado em 1859 sob pseudônimo “*Uma maranhense*”, é o primeiro romance brasileiro de autoria feminina e o primeiro publicado por uma mulher negra em toda a América Latina. Nesta obra, os personagens negros são representados diferentemente das imagens caricaturais e subalternizadas, comuns na maior parte da literatura abolicionista oitocentista. No entanto, a vida e obra de Maria Firmina dos Reis foi relegada ao esquecimento, malgrado todo o seu pioneirismo nas letras e também fora dela.

### **1. “*Úrsula*, romance original brasileiro: por Uma Maranhense”**

Publicado em 1859 sob pseudônimo “*Uma maranhense*”, trata-se do primeiro romance brasileiro de autoria feminina e, seguramente, o primeiro

romance escrito por uma mulher negra em toda a América Latina.<sup>1</sup> Narrado em terceira pessoa, em uma narrativa de encaixe, é em meio às descrições de uma natureza bucólica que se desenrola a fatídica história de amor, morte e loucura entre a donzela Úrsula e o jovem Tancredo. Unidos por um amor em que há uma veneração e uma adoração sem desejos, os jovens sequer consumaram o casamento, devido à perseguição de Fernando P., comendador conhecido por sua tirania inescrupulosa, tanto no tratamento com seus escravos, quanto em sua conduta familiar. Decidido a casar-se com a sua sobrinha, o comendador ignora os preceitos cristãos que ele mesmo professa e, assim, movido por um desejo incestuoso, assassina tanto o jovem Tancredo, quanto os escravos Túlio e Susana, a fim de alcançar a jovem casta e pura. Após assistir ao assassinato de Tancredo, a loucura e a posterior morte consistem na triste sina da donzela romântica, semelhante aos desfechos de folhetins.

Além do casal romântico protagonista, Úrsula e Tancredo, a trama é constituída em torno de três personagens negros, Túlio, Susana e Antero que, neste romance têm sua humanidade demonstrada, uma vez que desempenham ações nucleares para o desenvolvimento da trama e, principalmente, têm direito a voz – o que configura um contraste com o tratamento dado a personagens negros na literatura nacional de então, em que aparecem apenas como figuração. Pode-se afirmar, portanto que eles têm o tratamento de “sujeitos humanos”. Com efeito, apesar de a humanidade parecer uma condição básica, para a pesquisadora Regina Dalcastagnè, “dizer que os negros são humanos parece ser ainda uma necessidade quando se percebe que sua animalização se mantém como um recurso literário”. (2008, p.98)

Logo, além de estar inserido na proposta estética do Romantismo, esta obra caracteriza-se como um romance abolicionista em um viés humanista já que se constitui em torno da representação da voz de personagens negros escravos. Na escrita firminiana, em um discurso direto em primeira pessoa, é o

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis> Acesso em: 01/05/2019.

escravo negro quem vai dizer, com base em suas próprias reflexões, sobre as mazelas da escravidão. E mais, estes personagens escravos, não subalternizados, trarão para a narrativa a concepção acerca do verdadeiro sentido da palavra liberdade, bem como o saudosismo de sua terra África.

## **2. Os personagens negros não caricaturais: pioneirismo na Literatura Brasileira**

Túlio é um escravo africano de 25 anos que já aparece em cena logo no início da narrativa. No primeiro capítulo, intitulado *Duas almas generosas*, ele salva o jovem Tancredo, homem branco que sofrera ferimentos graves após uma queda de cavalo que o levaria a morte, não fosse a ação imediata do escravo. No decorrer da narrativa é possível recuperar a história do personagem em um discurso próprio em que ele, ora “com voz lacrimosa” ora imerso em “profundas meditações” (REIS, 2018, p. 137) narra sua triste sina quando foi separado de sua mãe em um processo de negociação humana, prática comum durante a escravidão.

O jovem Túlio, “de bom coração”, é consciente de sua condição de escravo e com base em “profundas meditações”, aponta questionamentos frente às violências impostas aos escravos tratados como “coisas”, submetidos à “lei que lhes impunham”. (REIS, 2018, p. 138) Por ser detentor de “uma nobreza de um coração bem formado” (REIS, 2018, p. 32), alinhou-se moralmente ao herói branco, mas isso não relegou o personagem a uma mera representação inscrita em modelos narrativos brancos. Túlio é, antes, um herói humano que sofre, chora de desespero, sente raiva e deseja vingança nas limitações que o circunscreve como um negro escravo na sociedade.

Analogamente, Susana é um personagem que corresponde ao arquétipo da mãe e da anciã na narrativa. A sua apresentação em cena transcende as imagens caricaturais dada às representações femininas negras na Literatura, já que ela não corresponde a uma “ama de leite”, provedora de alimento para o filho do patrão, ou “corpo-procriação” do plantel de escravos, tampouco a um

“corpo-objeto de prazer do macho senhor”. (EVARISTO, 2005, p. 52) Na narrativa firminiana, Susana é a mãe preta de Túlio, e assume, assim, um aspecto relevante dentro da produção Literária Brasileira uma vez que comumente “mata-se no discurso literário a prole da mulher negra” (EVARISTO, 2005 p. 53). Realmente, é possível identificar a constituição da figura maternal em Susana em trocas afetivas entre os personagens no decorrer do romance, além dela ser indicada como a responsável pela formação humana de Túlio. É o que se observa no trecho (2018):

Gemi de ódio, e confesso-vos que por longo tempo nutri o mais hediondo desejo de vingança. Oh! Eu queria sufocá-lo entre meus braços, queria vê-lo aniquilado a meus pés, queria...Susana, essa boa mãe, arrancou-me do coração tão funesto desejo. (REIS, p. 138)

No capítulo intitulado “*A preta Susana*”, ao passo que o personagem dialoga com Túlio e tece sua narrativa memorialística desde o momento em que forçadamente foi levada de sua terra “pelos bárbaros” (Reis, 2018, p. 103) é possível recuperar as condições desumanas e vis às quais os africanos foram submetidos durante este período histórico. Então se revela a identidade africana do personagem, “a priori e a posteriori do tráfico negreiro”, (NASCIMENTO, 2018, p. 136) já que é a partir de sua voz, na evocação de uma memória afetiva, que Suzana reconstrói os tempos dela da África, saudosista de sua terra e de sua família e, principalmente, de sua liberdade. É, portanto, uma escrava quem vai dizer o que de fato seja liberdade para os negros africanos, o que uma carta de alforria jamais alcançaria.

Ninguém a gozou mais ampla, [a liberdade] não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias (REIS, 2018, p. 102)

O terceiro personagem, Pai Antero, é um velho africano afeito a bebidas alcoólicas que guardava a casa do senhor Fernando P. Ele também traz à tona marcas da identidade e da cultura africana. Exemplo disso é uma fala desiludida deste personagem, quando reflete sobre o valor cultural do trabalho

e das festas em terras africanas, afinal, como ele pondera, em sua terra ele era livre para beber sem esmolar, podia comprar a bebida com o dinheiro de seu trabalho, sem falar que a bebida de lá, o “vinho de palmeira, é mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira” (REIS, 2018, p. 167) Fica evidente, portanto, a marca distintiva do personagem, já que ele, desesperançado de sua condição em terras estranhas e entregue ao alcoolismo, traz para a narrativa, a partir de sua subjetividade, símbolos locais africanos.

### 3. O romance *Úrsula* no contexto do ensino básico

A Base Nacional Comum Curricular está em fase de implantação e corresponde a um documento de caráter normativo a fim de regulamentar o ensino básico em todo o território nacional. (BNCC, 2018) Apesar das imensuráveis perdas nas áreas de Ciências Humanas e Linguagens, com a retirada das disciplinas de Filosofia, Sociologia e Língua Espanhola, a Literatura segue legitimada neste atual cenário documental, já que a experiência com o texto literário corresponde a uma das dez competências previstas para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica.

Dentro desta legitimação curricular, propõe-se aqui inserir o romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis no ensino básico em atenção, primordialmente, à sua qualidade estética, bem como em atendimento à Lei 10.639/2003 modificada pela Lei 11.645/08<sup>2</sup> a qual regulamenta a temática Afro-Brasileira e Indígena no ensino de História, Arte e Literatura na Educação Básica. No entanto, a omissão à referida lei, mesmo após dezesseis anos, corrobora para que o ensino de Literatura, no que diz respeito à temática Afro-Brasileira, esteja à mercê de um mercado editorial, por vezes, pouco comprometido com a relevância estética de obras ficcionais.

---

<sup>2</sup> Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html> Acesso em: 10/05/2019.

#### 4. Considerações finais

Ao elaborar estas personagens, Maria Firmina traz para o cenário literário a discussão abolicionista a partir de uma representação da identidade negra e africana. Pioneira ao ser “uma voz negra desejava de falar por si e de si”, (EVARISTO, 2009) Firmina alcançou, no plano da representatividade literária, um feito pouco conseguido em toda a produção literária brasileira. Ao romper com as caricaturas e os estereótipos negros, Firmina circunscreve, na Literatura, um pioneirismo atestado por Regina Dalcastagnè, pois a falta de personagens negros, inclusive nos textos contemporâneos, não consiste apenas “em um problema político, mas também em um problema estético, uma vez que implica na redução da gama de possibilidades de representação” (2008, p. 97)

Percebe-se, portanto, que esta obra, apesar de estar circunscrita no período romântico oitocentista brasileiro e de ser pioneira ao fundamentar um discurso abolicionista a partir da representação negra, caiu em um silenciamento ideológico que a impediu de figurar ao lado de outras obras oitocentistas e abolicionistas as quais se tornaram tão comuns no cotidiano escolar, como *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, por exemplo, considerada abolicionista, mas que perpetuou uma representação racista ao humanizar uma personagem escrava justamente por ser de cor branca.

Diante disso, atesta-se a importância em revisitar a tradição a fim de promover um ensino de Literatura que esteja condizente com uma sociedade característica por sua heterogeneidade. Em se tratando da escola pública brasileira, oportunizar um ensino que traga à tona as múltiplas vozes, pode ser um caminho para que os estudantes, em formação escolar e imersos em diversos contextos de exclusão social, se apropriem da literatura como um bem “incompreensível” e um direito inalienável, (CANDIDO, 2004) e quem sabe, a partir de uma experiência subjetiva que o texto literário proporciona, eles possam ampliar suas possibilidades de subjetivações e de identidade a despeito de toda exclusão que se perpetua nos mais diversos espaços sociais.

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, 2018.  
Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 01/06/2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea. n. 31. Brasília: UNB, janeiro/junho 2008. p. 87-110.

EVARISTO, Conceição. *Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira*. Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira, ano 1, n. 1, ago. 2005.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*. Revista Scripta: Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Ouro sobre o Azul, 2004.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. *A construção do negro no romance Úrsula*. In: Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora. Org. Constância Lima Duarte...[et al] – Rio de Janeiro: Malê, 2018.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula: romance; A escrava: conto/ 7*. Ed. Belo Horizonte: Editora PUC minas, 2018.